

CAPÍTULO VI - Lobato e Getúlio

Prof. Dr. John Milton

“O petróleo é nosso!”

Lobato, de volta ao Brasil em 1930, depois de passar quatro anos em Nova Iorque como adido comercial, dedicou a maior parte de sua energia na década de 1930 à prospecção de petróleo e à tentativa de convencer o governo Vargas de que o Brasil deveria aproveitar seus próprios recursos de petróleo e de ferro. Ele tinha perdido bastante dinheiro no *Crash* de Wall Street em 1929, e o restante de sua fortuna vai-se nessas tentativas.

Lobato escreveu algo em torno de nove cartas para o Presidente Getúlio Vargas, inicialmente em 19 de dezembro de 1930, lembrando-lhe da indiferença que o governo tinha para com suas tentativas de fazê-lo se interessar pelo desenvolvimento da indústria siderúrgica.

Há três anos que minhas tentativas para que o nosso governo tome conhecimento técnico deste processo siderúrgico, como base de uma orientação segura na matéria, esbarram numa indiferença que não me explico. Apesar de haver apresentado as informações mais completas e, mais, ter promovido todas as necessárias experiências com minérios de Minas e cascas de café e babaçu, graças à cooperação oficiosa de um eminente industrial brasileiro, nenhuma reação ainda revelou qualquer interesse por questão de tal magnitude. Não será crime retardar assim o início da revolução econômica que tudo está impondo ao Brasil?¹¹⁷

¹¹⁷ NUNES, Cassiano (Org.) *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986, p. 131; CARVALHO, Daniel Alencar de. “Monteiro Lobato escreve a Getúlio Vargas: Experiência política e narrativas sobre o petróleo no Brasil (1930-41)”. *Anais do Encontro Regional Nordeste de História Oral, Ficção e Poder: Qualidade, Imagem e Escrita*. Universidade Federal de Ceará, Fortaleza, 9-12 de maio de 2017, p. 3-4.

E continua com suas críticas acirradas à atitude do governo brasileiro:

O Brasil é rico em petróleo. Dada a sua área territorial, as existências de petróleo no Brasil são seguramente maiores que as de outro qualquer país. Mas entre um país ter óleo e encontrar óleo, vai uma pequena diferença. O petróleo, como V. sabe, está em crise por excesso de produção. Embora o termo das reservas conhecidas seja coisa para não remoto futuro, dado o espantoso consumo atual, há, no momento, excesso de produção e pois interesse das grandes companhias monopolizadoras em que não se abram novas fontes. Fique sabendo que o petróleo não é encontrado no Brasil por uma razão muito simples – porque não convém a essas companhias. Não têm elas no momento interesse no petróleo no Brasil, mas têm-no e forte no mercado que o Brasil já é para o petróleo que elas refinam. Em vista disso, inutilizam todos os esforços de seu país, por intermédio de particulares ou do governo, para descobrir petróleo. As sondagens lá feitas não merecem fé. O Brasil paga a um geólogo ou a um driller, para achar petróleo, algumas vezes menos do que tem ele dessas grandes companhias para não achar petróleo e limitarem-se a relatórios que não matem as esperanças. O negócio do petróleo está controlado no mundo por um grupo de homens agressivos que jamais primaram por excesso de escrúpulos. Nada lhes é, quanto ao Brasil, despendere secretamente 50 ou 200 mil dólares cada vez que na maior boa fé seu país faz uma tentativa com técnicos estrangeiros para descobrir petróleo.¹¹⁸

Em 1934, Lobato criticou abertamente o novo Código de Minas e se envolveu na prospecção de petróleo. Mais à frente, esse conjunto de cartas também teria papel definitivo na composição de seu best-seller *O Escândalo do Petróleo*¹¹⁹ e no infantil *O Poço do Visconde*¹²⁰; Lobato também organizou e escreveu o prefácio de *A Luta pelo Petróleo*, de Essad Bey¹²¹.

De 1934 a 1936, ele organizou várias tentativas de encontrar petróleo, porém elas foram interrompidas pelo Estado Novo, decretado em 10 de

¹¹⁸ NUNES, C. (Org.). *Monteiro Lobato vivo*. Op. cit., 131-132; CARVALHO, D. A. de. Idem.

¹¹⁹ LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1936.

¹²⁰ LOBATO, Monteiro. *O Poço do Visconde*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

¹²¹ BEY, Essad. *A Luta pelo Petróleo*. Tr. Charley W. Frankie. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

novembro de 1937, que o proibiu de seguir com sua prospecção. Com a imprensa silenciada, Lobato voltou a seu velho exercício de escrever para os governantes. Em 31 de março de 1938, em carta a Getúlio Vargas, lembrou o que expusera em *O Escândalo do Petróleo* (1936), ou seja, que, ao cancelar os registros já realizados de jazidas, o Código de Minas gera grandes perdas aos empreendimentos então existentes.

Na última missiva, por ocasião do aniversário de Getúlio e datada de 19 de abril de 1941, Lobato manda um “presente” para o Presidente. Lobato a escreveu do Presídio Tiradentes, em São Paulo:

Amanhã é dia de seus anos. Quero dar-lhe um presente. Esse presente é uma ideia. Essa ideia é a seguinte: Assim como o governo formou a Cia. Nacional Siderúrgica, com 500 mil contos de capital, por que não funda também a Cia. Nacional de Petróleo, com outros 500 mil contos de capital? Era o meio de ao mesmo tempo solver os problemas do ferro e o do petróleo, de igual importância.¹²²

O governo finalmente seguiu a sugestão de Lobato de investir na produção de aço. Depois da morte de Lobato, em 1953, o Governo de Vargas iria estabelecer a Petrobrás.

O Emprego Público

Diferente de muitos dos seus contemporâneos, Lobato nunca procurou a sinecura de um emprego público, que lhe permitiria viver sem preocupações financeiras. De fato, em 1931, quando retornou dos Estados Unidos, Vargas lhe ofereceu uma posição no governo e, em 1934, provavelmente com a ideia de que seria muito melhor tê-lo como aliado do que como inimigo, convidou-o Lobato a “estudar a hipótese de dirigir os serviços de um “Ministério” ou de um “Departamento de Propaganda”, a ser criado no seu governo¹²³. Em julho

¹²² NUNES, C. (Org.) *Monteiro Lobato vivo*. Op. cit., p. 131; CARVALHO, D. A. de. “Monteiro Lobato escreve a Getúlio Vargas: Experiência política e narrativas sobre o petróleo no Brasil (1930-41)”. Op. cit., p. 8-9.

¹²³ CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. 2. t. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955, p. 484.

de 1940, a oferta foi renovada¹²⁴. Possivelmente Vargas viu o grande sucesso que Goebbels, o Ministro de propaganda de Hitler de 1933 a 1945, estava conseguindo e pensava em Lobato como um Goebbels brasileiro. Porém, Lobato recusou todas as propostas.

No mundo beletrista das letras brasileiras nos anos de 1920 e de 1930, a profissão do tradutor de livros tinha pouco prestígio. Era labuta, quase trabalho braçal, pouco apropriado a um *homme de lettres*. Em *Intelectuais na Vida Pública Brasileira: Mário de Andrade e Monteiro Lobato*, tese de doutorado de Neide Moraes de Mello, seguindo Sérgio Miceli, descreve a ação dos intelectuais brasileiros entre as décadas 20 e 40, concentrando-se

em seu papel “orgânico”, ora no interior do Estado, ora num “mercado de postos” na iniciativa privada e no serviço público, mas sempre restrito a profissões liberais, tratando em sua maioria de advogados e professores de faculdades de Direito, os quais por meio de uma rede de contatos familiares vão expandindo a oferta de seus serviços e reproduzindo-se enquanto tais sem provocar alterações na escala do campo econômico e no *status quo*.¹²⁵

Lobato atacou esse monopólio, recusando “um lugar no sol”¹²⁶, e preferiu manter sua independência, sobrevivendo de traduções e *royalties*.

Miceli enfatiza a maneira pela qual o governo de Vargas cooptou muitos intelectuais e escritores, entre eles, Mário de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Heitor Villa-Lobos, Emiliano di Cavalcanti, Manuel Bandeira e Cândido Portinari¹²⁷. Esses artistas tinham acesso a projetos governamentais, às principais editoras particulares, como a José Olympio, “e às principais sinecuras do campo intelectual”, com as autoridades públicas se convertendo “na instância suprema de validação e reconhecimento da produção intelectual”¹²⁸. De um total de 30 candidatos

¹²⁴ CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. Op. cit., p. 468.

¹²⁵ MELLO, Neide Moraes de. *Intelectuais na Vida Pública: Mário de Andrade e Monteiro Lobato*. 160p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006, p. 142.

¹²⁶ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIF, 1979, p. xv.

¹²⁷ MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Op. cit.

¹²⁸ MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Op. cit., p. 160.

eleitos à Academia Brasileira de Letras entre 1930 e 1945, 70% pertenciam aos altos escalões da burocracia governamental¹²⁹. Lobato havia tentado duas vezes entrar na Academia, em 1921 e 1926, ambas sem sucesso.

As críticas a Peter Pan

A adaptação de *Peter Pan* causou vários problemas para Lobato. A forma de recontagem lhe permitiu a possibilidade de inserir suas próprias opiniões dentro do texto, usando Dona Benta ou os picapauzinhos como seus porta-vozes. Em suas primeiras edições do *Peter Pan*, as críticas ao governo brasileiro eram mais fortes. Na primeira edição, de 1930, Lobato critica a política econômica de altos impostos sobre bens importados, especialmente brinquedos:

“Por que será que os brinquedos no Brasil custam tanto dinheiro e são tão ordinários?” indagou o menino. “Aquele urso que vovó comprou: cinco mil réis, e nem bem saiu do pacote já derrubou o rabo e entortou a orelha.”

“Por causa dos impostos, Pedrinho. Quando você for presidente da República precisa fazer uma lei que acabe com essa pouca vergonha de cobrar altos impostos sobre cavalinhos de pau, trenzinhos de lata, patinhos de celuloide, gaitas de assoprar, etc. Tome nota.”¹³⁰

Na segunda edição, de 1935, *Peter Pan: a história do menino que não queria crescer*, contada por Dona Benta, suas críticas à política econômica brasileira da ditadura Vargas, nessa época em pleno poder, são mais duras:

“Por que vovó, os brinquedos no Brasil custam tanto dinheiro e são tão ordinários?” quis saber Pedrinho. “Aquele urso que vovó comprou, por exemplo; custou cinco mil réis, e nem bem saiu do pacote já derrubou o rabo e entortou a orelha.

“Por causa dos impostos, meu filho. Há no Brasil uma peste chamada governo que vai botando impostos e selos em todas as coisas que vêm de fora, a torto e a direito, só pela ganância de

¹²⁹ MICELI, S. Idem.

¹³⁰ LOBATO, Monteiro. *Peter Pan* (1930). Trad. J. M. Barrie. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971, p. 5.

arrancar dinheiro do povo para encher a barriga dos parasitas. Quando você for presidente da República trate de fazer uma lei que acabe com essa pouca vergonha de cobrar altos impostos até sobre cavalinhos de pau, trenzinhos de lata, patinhos de celuloide, gaitas de assoprar, bonecas, etc. Tome nota para não esquecer”.¹³¹

Na segunda edição, Lobato também aumenta o papel de Dona Benta e dos picapauzinhos, e inclui a subtrama da Emília cortando e tirando a sombra de Tia Nastácia, que ficou nas edições subsequentes.

Ainda na segunda edição, Lobato usa o nome original de Barrie, Wendy, em vez de Wanda, que usara na primeira edição.

A terceira edição, de 1939, também incluiu o trecho da crítica ao Governo acima apresentado, ou aparentemente o incluiu, uma vez que parece seguir a segunda edição, mas no exemplar pertencente à Biblioteca Monteiro Lobato, a folha que continha as páginas 13-14 foi arrancada. Na quarta edição, de 1944, e nas edições subsequentes, o referido trecho foi excluído e o texto estabilizado. A edição seguida aqui é a décima-sexta, da Editora Brasiliense, publicada em 1971.

Em outros livros de Lobato, a crítica à ditadura de Vargas é óbvia. Em *O Minotauro: Maravilhosas Aventuras dos Netos de Dona Benta na Grécia Antiga*, publicado originalmente em 1939, em plena época do Estado Novo, em resposta à pergunta de qual é o segredo de os gregos terem chegado a uma sociedade tão sofisticada, Dona Benta responde: “Liberdade meu filho. Bom governo”¹³², devido à legislação de Solón, que tirou o povo da escravização dos senhores e introduziu um regime democrático que permitiu o florescimento da sociedade e das artes: “Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência”¹³³ – obviamente pensamos no Estado Novo, e Dona Benta dá o exemplo do Sítio do Picapau Amarelo, onde, uma vez que ela oferece “a máxima liberdade, todos vivem no maior

¹³¹ LOBATO, Monteiro. *Peter Pan: a história que não queria crescer, contada por Dona Benta*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, p. 14. Grifos nossos.

¹³² LOBATO, M. *O Minotauro: Maravilhosas Aventuras dos Netos de Dona Benta na Grécia Antiga* (1939). São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 22.

¹³³ LOBATO, M. *Idem*.

contentamento, a inventar e realizar tremendas aventuras”¹³⁴. Mas, se existisse um regime de linha dura e ela amarrasse “os netos com os cordéis do ‘não pode’ — vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam”¹³⁵. E tece o paralelo entre O Sítio do Picapau Amarelo, com seu “prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza”¹³⁶, e a Grécia da Antiguidade, onde floresceram a arquitetura, a escultura e a filosofia.

No Capítulo 5, Dona Benta discute com Péricles, o governador de Atenas, o papel do Estado. Para Péricles, a política é a arte de harmonizar os interesses conflitantes das criaturas humanas, mantendo “o equilíbrio dos interesses individuais com um máximo de benefício geral”¹³⁷. Dona Benta lhe conta as experiências com comunismo e totalitarismo, que não respeitam a liberdade do indivíduo, “em que o estado é tudo e nós, as pessoas, menos que moscas. Neste regime o indivíduo não passa de grão de areia do Estado”¹³⁸, e “A pobre humanidade, depois de tremendas lutas para escapar à escravização aos reis, caiu na escravização, pior ainda, ao Estado — à palavra Estado”. Porém, Narizinho fica revoltada com a existência da escravidão em Atenas e pela ideia de ser carregada em uma liteira: “Não tenho coragem de entrar nisso, vovó! Desaforo. Gente como nós a nos carregar. Nunca! E ainda chamam a isto democracia...”¹³⁹.

A Entrevista à BBC

Outro fator muito importante para piorar seu relacionamento com o Governo e levá-lo ao encarceramento foi a entrevista que Lobato concede à BBC World Service em 30 de dezembro de 1940, transmitida em inglês, espanhol e português e reproduzida pela imprensa norte-americana, inglesa e argentina. Na entrevista, ele enfatiza a grande dívida que o Brasil tem em

¹³⁴ LOBATO, M. Idem, p. 23.

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ LOBATO, M. Idem, p. 48.

¹³⁸ LOBATO, M. Idem, p. 48-49.

¹³⁹ LOBATO, M. Idem, p. 84.

relação à Inglaterra: “No Brasil veneramos de coração a Inglaterra porque desde os começos da nossa história vimo-la interessar-se por nós e cooperar para o nosso desenvolvimento”¹⁴⁰. A Grã-Bretanha deu ao Brasil seus portos, seu desenvolvimento, seu capital, um modelo parlamentar durante o reinado de Dom Pedro II, as liberdades civis e o *habeas corpus*. Importantes figuras – tais como Zacarias de Góes, Cotegipe, Barão do Rio Branco, Saraiva, Paranaguá, e, especialmente, Ruy Barbosa – eram todas anglófilas¹⁴¹.

A palavra “inglês” sempre foi, e continua sendo, um sinônimo de solidez, lealdade e resistência a novidades mal cosidas¹⁴², e até a expressão “para inglês ver” demonstra um respeito pelos ingleses.¹⁴³

Lobato comenta que todas as qualidades de tranquilidade e resistência vistas no poema mais conhecido de Rudyard Kipling “If...”, que pouco antes recebera certa atenção no Brasil, eram necessárias à Inglaterra naquele momento, face à Segunda Guerra Mundial, e que se lia, em suas entrelinhas, forte crítica à situação do Brasil à época:

Se

Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;
De crer em ti quando estão todos duvidando,
E para esses no entanto achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar — sem que a isso só te atires,
De sonhar — sem fazer dos sonhos teus senhores.
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas

¹⁴⁰ LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 151. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 13).

¹⁴¹ LOBATO, M. Idem, p. 152.

¹⁴² LOBATO, M. Idem, p. 153.

¹⁴³ LOBATO, M. Idem, p. 152.

Em armadilhas as verdades que disseste,
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado, tornar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe,
E a persistir assim quando, exaustos, contudo
Resta a vontade em ti que ainda ordena: “Persiste!”;

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
E, entre reis, não perder a naturalidade,
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
Se a todos podes ser de alguma utilidade,
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que mais — tu serás um homem, ó meu filho!¹⁴⁴

É bastante óbvio que, da mesma maneira como os nazistas ameaçam esses grandes valores ingleses, de acordo com Lobato, o Estado Novo de Vargas resultara na perda de tais valores no Brasil.

...a humanidade tonteia diante do surto dos valores da violência [...]. O justo passa a injusto, o certo é o errado e o errado o certo; o bom é o mau e o mau é o bom; o pensamento livre é o crime e a delação é a virtude; a história é falseada nas escolas para que também se torne instrumento dessa obra de *inversão de todos os valores*. E a alma dos velhos tiranos, satrapas, déspotas, reis, sultões, califas, khans, shoguns, marajás, pateeis, faraós e chás da antiguidade se moderniza na figura aparentemente nova do Ditador Total — essa novidade velha como a queixada com que Caim matou Abel.¹⁴⁵

¹⁴⁴ KIPLING, Rudyard. “Se”. Tradução de Guilherme de Almeida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u92310.shtml>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

¹⁴⁵ LOBATO, M. *Prefácios e Entrevistas*. Op. cit., p. 153-154.

Embora, obviamente, pensemos em Hitler, cabia a pergunta retórica: mas não está o Brasil também sob o controle de um ditador?

Quanto à Grã-Bretanha, argumenta Lobato, embora estivesse em estado de guerra e ameaçada pelo campo de concentração, conseguira plantar “a árvore da dignidade humana” nos Estados Unidos, no Canadá, na Austrália e na África do Sul¹⁴⁶.

A Cadeia

No começo de 1941, a rebeldia inconveniente de Lobato foi enquadrada pelo governo. Inicialmente, o General Horta Barbosa, Presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), enviou o ofício no. 4602 ao Tribunal de Segurança Nacional, cujo presidente, Ministro Barros Barreto, solicitou ao chefe de polícia de São Paulo em 6 de janeiro de 1941 a abertura de inquérito contra Lobato. Nos dias seguintes, novos documentos são enviados e o Delegado Adjunto de Investigação de Ordem Política de São Paulo, Rui Tavares Monteiro, manda revistar o escritório de Lobato em São Paulo. Na madrugada da segunda-feira 27 de janeiro, Lobato é levado ao Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) e, então, transferido à Casa de Detenção, onde permanece incomunicável durante quatro dias, antes de voltar para o DEOPS, onde foi interrogado na presença do Major Antônio Bastos, agente do CNP, perante o qual Lobato assume responsabilidade pelas cartas que mandou a Vargas e Góis Monteiro e é libertado.¹⁴⁷

Após isso, o processo continuou tramitando e a conclusão do tribunal Nacional de Segurança saiu em 28 de fevereiro de 1941. O procurador Gilberto Goulart de Andrade concluiu que “A simples leitura da missiva da autoria de Monteiro Lobato já revela desrespeito pelos termos em que é vazada, evidenciando audaciosa e injustificável irreverência”, e “nenhuma das acusações levantadas contra a orientação que o governo vem imprimindo à exploração petrolífera no país repousa em qualquer fundamento verídico”.¹⁴⁸

¹⁴⁶ LOBATO, M. Idem, p. 154.

¹⁴⁷ CAMARGOS, Marcia Mascarenhas; SACCHETTA, Vladimir. Procura-se Peter Pan. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias Silenciadas*. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 221-223.

¹⁴⁸ Autos do Processo no. 1607, fls. 372 e 373, TSN, Arquivo Nacional. Fonte: CAMARGOS, M. M.; SACCHETTA, V. Procura-se Peter Pan. Op. cit., p. 224.

Como resultado, Lobato foi enquadrado no artigo 3o, inciso 25, do decreto-lei nº 431/1938 da Lei da Segurança Nacional, introduzido com o advento do Estado Novo, que punia com penas de seis meses a dois anos de prisão quem injuriava os poderes públicos por meio de palavras.

Preocupado com o possível encarceramento, Lobato entrou com pedido de passaporte para viajar para a Argentina, mas na tarde de 19 de março, ao descer de um ônibus na Praça da Sé, foi abordado por um agente de polícia, que o convidou a acompanhá-lo ao DEOPS.

No julgamento de 8 de abril, Lobato fora absolvido, mas, em 20 de maio, o Tribunal Pleno reforma a primeira sentença e o julga culpado de tentar obter a revogação do ato do CNP “com a pleiteada ruína de uma instituição nacional e a degradação moral dos seus membros”¹⁴⁹.

Outras cartas que Lobato enviou após a absolvição inicial podem tê-lo comprometido: enviou uma carta ao general Horta Barbosa, junto a uma caixa de bombons, iniciada por um agradecimento: “Sempre havia sonhado com uma reclusão desta ordem, durante a qual eu ficasse forçadamente a sós comigo e pudesse meditar sobre o livro de Walter Pitkin (*A Short Introduction to the History of Human Stupidity*)¹⁵⁰”, e continua com a provocação: “Tive ensejo de observar que a maioria dos detentos é gente de alma muito mais limpa e nobre do que muita gente de alto bordo que ainda solta”¹⁵¹. Além disso, manda duas cartas a Vargas, a primeira, desejando ao Presidente “menos retratos na parede e mais coragem no coração dos que lhe escrevem” e, a segunda, já referida acima, “presenteando” Vargas em seu aniversário com a sugestão da criação de uma Companhia Nacional de Petróleo, semelhante à recém-fundada Companhia de Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, e propondo também que o general-comandante do Conselho e seus funcionários fossem empregados como combustível nas fornalhas de sondas, o que daria para mover as máquinas por alguns dias, adverte¹⁵².

Lobato foi sentenciado a seis meses de reclusão e, após três, Vargas

¹⁴⁹ Autos do Processo no. 1607, fls. 436, TSN, Arquivo Nacional. Fonte: CAMARGOS, M. M.; SACCHETTA, V. Procura-se Peter Pan. Op. cit., p. 228.

¹⁵⁰ PITKIN, Walter. *A Short Introduction to the History of Human Stupidity*. NY: Simon & Schuster, 1932.

¹⁵¹ CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. Op. cit., p. 488.

¹⁵² CAVALHEIRO, E. *Idem*, p. 490-491.

lhe concedeu indulto por meio do decreto de 17 de junho, porém isso não representou o fim da perseguição.

Peter Pan Proscrito

Em *Livros Proibidos, Idéias Malditas*, Maria Luiza Tucci Carneiro¹⁵³ descreve a cassação do *Peter Pan*, de Lobato. Na sua promoção de 20 de junho de 1941, o procurador Dr. Clóvis Kruehl de Moraes argumentava junto ao Presidente do Tribunal de Segurança Nacional que Lobato alimentava nos espíritos infantis uma opinião negativa em relação ao Brasil e que seus livros “chocavam-se contra os projetos do Estado Novo, empenhado em formar uma juventude saudável e patriótica, unida em torno dos princípios da tradição cristã”¹⁵⁴. O texto era perigoso porque enfatizava “a nossa inferioridade, desde o ambiente em que são colocadas até os mimos que se lhes dão”¹⁵⁵. Para Kruehl, Lobato agiu de maneira insidiosa, criticando o governo brasileiro pela maneira como este gastava os impostos e a “ganância de arrancar dinheiro do povo para encher a barriga dos parasitas”¹⁵⁶.

Em seu parecer, Kruehl juntou outras críticas de Tupy Caldas à *História do Mundo para Crianças*, de Lobato, por ser demasiado materialista, e às *Memórias de Emília*, que é dominado por uma “troça das coisas sérias, além do mesmo sentimento materialista”. As crianças são expostas a tais “doutrinas perigosas e a práticas deformadoras do caráter”, sofrendo grande mal¹⁵⁷.

Kruehl de Moraes conclui, por fim, que o mal está na liberdade excessiva dada aos escritores. Tais iniciativas do Tribunal de Segurança Nacional eram parte do projeto político do Estado Novo, “voltado para a formação de uma

¹⁵³ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: O Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

¹⁵⁴ CAMARGOS, M. M.; SACCHETTA, V. Procura-se Peter Pan. Op. cit., p. 231.

¹⁵⁵ CARNEIRO, M. L. T. *Livros proibidos, idéias malditas*. Op. cit., p. 151.

¹⁵⁶ LOBATO, Monteiro. *Peter Pan: a história que não queria crescer, contada por Dona Benta*. Op. cit., p. 14.

¹⁵⁷ Cópia Autêntica da Promoção Proferida na Queixa no. 4188 pelo Procurador Dr. Clóvis Cruel de Moraes, Rio de Janeiro, 20/6/1941, no prontuário no. 6575, Acervo DEOPS, Arquivo do Estado/SP, p. 2. Fonte: CAMARGOS, M. M.; SACCHETTA, V. Procura-se Peter Pan. Op. cit., p. 233.

juventude patriótica, continuada da tradição cristã, unificadora da Pátria”¹⁵⁸.

O Presidente Vargas enfatizava o perigo que os autores representavam: “Todo e qualquer escrito capaz de desvirtuar esse programa é perigoso para o futuro da nacionalidade. O nosso mal até aqui foi justamente dar liberdade excessiva aos escritores, quando o livro é o mais forte veículo da educação”¹⁵⁹.

Assim, com base na orientação do tribunal de Segurança Nacional, o DEOPS paulista começou a buscar e a prender exemplares de *Peter Pan* no estado de São Paulo, em bibliotecas escolares e particulares e em livrarias. Ofícios e telegramas foram enviados às delegacias do interior. As delegacias de Itapetininga, Casa Branca e Sorocaba não teriam encontrado nenhum exemplar; em Araraquara, foi encontrado um exemplar; em São José do Rio Preto, quatro, e, em Santos, quatorze¹⁶⁰.

¹⁵⁸ CARNEIRO, M. L. T. *Livros proibidos, idéias malditas*. Op. cit., p. 154.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ CARNEIRO, M. L. T. Idem, p. 154-155.